

FORMAÇÃO CONTINUADA DE GUIAS INTÉRPRETES PARA O USO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA E EFETIVA INCLUSÃO DE SURDOCEGOS¹

CONTINUING TRAINING OF INTERPRETED GUIDES FOR THE USE OF HAPTIC SOCIAL COMMUNICATION AND EFFECTIVE INCLUSION OF DEAFBLIND PEOPLE

Adriana Barroso de Azevedo²

Elaine Gomes Vilela³

Eixo Temático 2. Conteúdos educacionais – da produção à exibição

2.2. Acessibilidade – os desafios e as soluções para a inclusão por meio das tecnologias

Resumo:

No cenário nacional da surdocegueira a formação continuada de profissionais guias-intérpretes torna-se imprescindível. O objetivo desta pesquisa é disseminar o uso da comunicação social háptica; e, por meio dela, aprimorar o atendimento inclusivo de surdocegos. Algumas questões norteiam a pesquisa dentre elas: Quais estratégias de comunicação os guias-intérpretes participantes utilizam? Quais são os benefícios captados pelos surdocegos, quando a comunicação social háptica traz informações visuais e é utilizada complementando a comunicação com informações auditivas? Como a comunicação social háptica tem sido divulgada no Brasil? Dessa forma define-se o seguinte problema de pesquisa: “O que emerge dos sujeitos surdocegos quando estes refletem sobre o uso da comunicação social háptica? Assim pretende-se trazer conhecimento e explanar esse tema da surdocegueira à luz dos autores Carillo (2008), Watanabe(2017), Araújo (2019) e Vilela (2018). A escolha da metodologia baseia-se no percurso da pesquisa qualitativa por meio da pesquisa-formação em consonância à pesquisa narrativa autobiográfica citada por Connelly e Clandinin (2015). Além de trazer conhecimento desse tema pouco explorado, visamos construir um material de apoio que agregue conhecimentos a profissionais guias-intérpretes; mas, além de tudo promover autonomia e qualidade de vida para os surdocegos.

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Recorte do projeto da Tese de Doutorado de Elaine Gomes Vilela.

² Pós Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7272976836026061>

³ Doutoranda em Educação na Universidade Metodista do Estado de São Paulo – UMESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9102135230504568>

Palavras-chave: Pesquisa-Formação. Guias-intérpretes. Surdocegos. Comunicação Social Háptica.

Abstract:

In the national scenario of deafblindness, the continuous training of professional guide-interpreters becomes essential. The purpose of this research is to disseminate the use of haptic social communication; and, through it, improve inclusive care for deafblind people. Some questions guide the research, among them: What communication strategies do participating guide-interpreters use? What are the benefits captured by deafblind people, when does haptic social communication bring visual information and is it used to complement communication with auditory information? How has haptic media been disseminated in Brazil? Thus, the following research problem is defined: What emerges from deafblind people when they reflect on the use of haptic social communication? So we intend to bring knowledge and explain the topic of deafblindness in the light of the authors Carillo (2008), Watanabe(2017), Araújo (2019) and Vilela (2018). The choice of methodology is based on the path of qualitative research through research-training in line with the autobiographical narrative research cited by Connelly and Clandinin (2015). In addition to bringing knowledge of this little-explored topic, we aim to build support material that adds knowledge to professional guide-interpreters; but, in addition to promoting autonomy and quality of life for deafblind people.

Keywords: Research-Training. Guide-interpreters. Deafblind people. Haptic Social Communication.

1. O CENÁRIO INCLUSIVO NA SURDOCEGUEIRA

No cenário atual no âmbito inclusivo, faz-se necessário as pesquisas na área de surdocegueira, visto que encontramos poucas referências se comparado a outros tipos de deficiência. Sendo assim, torna-se emergente a reinvenção da inclusão de pessoas com deficiência para que tenham acesso às informações; principalmente, surdocegos que se comunicam majoritariamente pelo toque das mãos.

Nessa perspectiva desenrola-se essa pesquisa de doutorado em que a premissa é a pesquisa-formação, tornando-se primordial o uso da tecnologia assistiva no âmbito de serviços prestados por profissionais guias-intérpretes que concretizam e efetivam esse processo de inclusão.

Nesse contexto muitas definições precisam de esclarecimentos para que se tornem claras sobre sua importância e a relevância da formação de profissionais guias-intérpretes e sobretudo o destaque sobre as formas de inclusão de sujeitos surdocegos.

1.1. Aspectos conceituais necessários

Dentre tantas deficiências existentes; uma em especial, destaca-se por conter a perda sensorial de dois sentidos concomitantemente que são visão e audição, sendo considerada uma única deficiência que é a surdocegueira.

Outra informação relevante é que eram consideradas pessoas surdocegas aquelas que tinham a perda sensorial total dos dois sentidos, contudo essa definição foi questionada quando Hellen Keller, surdocega mundialmente reconhecida defendeu que não só os indivíduos que apresentam a perda total de ambos os sentidos se enquadram nesta deficiência. No primeiro evento sobre surdocegueira em âmbito mundial no ano de 1977, o evento *Helen Keller World Conferences* (HKWC), Hellen Keller declarou:

Uma pessoa é [surdocega] quando tem um grau de deficiência visual e auditiva grave que lhe ocasiona sérios problemas na comunicação e mobilidade. Uma pessoa [surdocega] necessita de ajudas específicas para superar essas dificuldades na vida diária e em atividades educativas, profissionais e comunitárias. Incluem-se neste grupo, não somente as pessoas que tem perda total destes sentidos, como também aquelas que possuem resíduos visuais e/ou auditivos, que devem ser estimulados para que sua “incapacidade” seja a menor possível. (HKWC 2020, p.1)

Sendo assim pessoas que possuem resíduos auditivos ou visuais, ou até mesmo os resíduos dos dois sentidos ainda assim são considerados surdocegas.

Os surdocegos dividem-se em dois grupos principais que são os congênitos ou pré-linguísticos e os adquiridos ou pós-linguísticos. Os congênitos são aqueles que nasceram surdocegos ou adquiriram essa condição antes de aprender uma forma de comunicação e exercer uma linguagem.

Os adquiridos são aqueles que possuíam uma forma de comunicação e em certo momento tornaram-se surdocegos tendo que adaptar-se a essa nova condição.

A pessoa que realiza esse trabalho específico de comunicação com esse público, geralmente é o profissional guia-intérprete. Muitas vezes um profissional que atua como intérprete da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), faz esse transporte na profissão pelo fato de muitos surdocegos utilizarem a Libras tátil.

É importante ressaltar a importância desse profissional e a maneira com que foi reconhecido. A lei Federal nº 12.319, de 2010, menciona o trabalho do intérprete, porém o reconhecimento sobre a profissão do guia-intérprete surgiu depois em 2014 com o projeto de Lei para ratificar essa carência, formando esse texto:

Art. 18. Os órgãos e entidades integrantes do Poder Público implementarão e participarão da formação continuada de profissionais intérpretes de escrita em Braille, de Tradutores e Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, aludidos no art. 1º da Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, e de guias-intérpretes, para viabilizar a comunicação dirigida a pessoas com deficiência visual ou auditiva. (BRASIL, 2014, p. 5)

Essa ratificação denota a importância da atuação desse profissional que detém o conhecimento de formas de comunicação que contemplem as perdas visuais e/ou auditivas. Desta forma Carillo (2008) destaca:

O guia-intérprete é um profissional capacitado para realizar o trabalho de interpretação, descrição visual e funções de guia. Para exercer essas atividades é preciso ter conhecimento e domínio nos diferentes sistemas de comunicação e nas diversas técnicas de locomoção, bem como ter habilidades para realizar as adaptações necessárias a cada surdocego em cada situação em particular. (CARILLO, 2008, p. 70)

Desta forma, o profissional guia-intérprete é responsável por traçar estratégias de atendimento em todos os âmbitos para inclusão desse surdocego. A necessidade de formação é constante para melhoria e aprimoramento do trabalho do guia-intérprete no atendimento a surdocegos.

2. FORMAS DE COMUNICAÇÃO NA SURDOCEGUEIRA

É possível observar que a maioria dos tipos de comunicação utilizadas e aprendidas em cursos de formação de guias-intérpretes contemplam muitas vezes as informações auditivas do ambiente que o surdocego frequenta, porém, as informações visuais são pouco contempladas; carecendo assim de um complemento nessa comunicação para que a inclusão aconteça de maneira efetiva. Desta forma destacaremos alguns tipos de comunicação. São elas:

- Libras tátil (Língua Brasileira de Sinais, realizada na mão do surdocego).

- Alfabeto Manual tátil (alfabeto desenvolvido especialmente para surdocegos onde o toque na palma da mão com determinadas configurações e determinados lugares tipificando as letras do alfabeto).
- Alfabeto datilológico tátil (alfabeto utilizado pelos surdos usuários da Libras, adaptando para o tato do surdocego).
- Libras em campo visual reduzido (Libras realizada pelo intérprete; porém, em um campo de visão onde a pessoa possua a visualização e apreensão dos sinais realizados) utilizada por surdocegos com resíduos visuais.
- Fala ampliada (uso da fala próximo ao ouvido ou uso de aparelhos de amplificação sonora com a mesma finalidade) utilizada por surdocegos que possuem resíduos auditivos.
- Tadoma (comunicação em que o surdocego sobrepõe a mão dele sobre a face na região fonoarticulatória e a partir do toque interpreta a fala por meio da vibração das cordas vocais e movimento da boca) utilizada por surdocegos que tiveram acesso a fala mas perderam a capacidade auditiva, fazendo uso dessa memória para acesso às informações.
- Braille tátil (utilização do código braile adaptando os pontos em relevo para as falanges dos dedos) utilizado por surdocegos que utilizavam o Braille para acesso às informações.
- Grafestesia ou escrita na palma da mão: (a escrita de palavras letra a letra na palma da mão utilizando as letras de forma maiúsculas).

Essas comunicações enfatizam as informações auditivas. Nesse âmbito da carência de informações visuais, a comunicação social háptica surge para suprir essa carência, trazendo informações visuais que associadas às informações auditivas transmitem informações completas.

2.1. A comunicação social háptica

A comunicação social háptica chegou no Brasil por meio de um grupo de guias-intérpretes e surdocegos que participaram de um workshop de sinais hápticos ministrado na Conferência Internacional *World Federation of the Deafblind* (WFDB) que aconteceu no país da Filipinas em 2013. (ARAÚJO, 2019)

Muitas informações primordiais são acrescentadas por meio da comunicação social háptica. Para exemplificar essa ligação da comunicação que traz informações auditivas concomitantes com as informações visuais, podemos ilustrar com a frase “Tudo bem”.

Essa frase pode ter muitas variáveis sendo: afirmativa, negativa, exclamativa ou interrogativa. No caso da utilização da Libras tátil na mão do surdocego onde ele vai tatear os sinais de “tudo bem”, as informações auditivas são contempladas e a comunicação social háptica, vai demonstrar se essa frase está nos campos afirmativo, negativo, exclamativo ou interrogativo por meio do desenho nas costas. Observe:

1. Tudo bem. (Sério)
2. Tudo bem! (Feliz)
3. Tudo bem? (Pergunta)
4. Tudo bem. (Negativo)

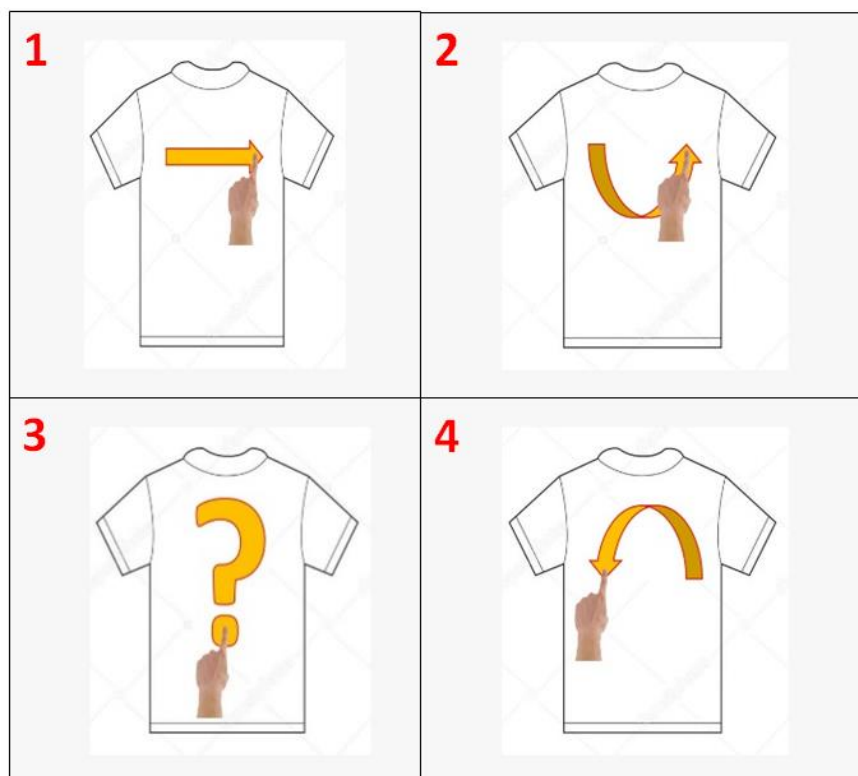


Figura 1. Fonte: arquivo da pesquisadora

A comunicação social háptica tem três funções básicas de acordo com Araújo (2019). Essas funções são: fornecer informações rápidas, complementar informações

e dar ênfase a informações de forma simultânea. Para exemplificar cada uma dessas funções citadas, traremos algumas situações.

No intuito de **fornecer informações rápidas**, enquanto um surdocego conversa com uma pessoa em Libras tátil, ele está com as mãos ocupadas nesse diálogo. Outra pessoa chega até ele para perguntar se ele quer água. Ao invés dessa pessoa pegar na mão dele e interromper a conversa, ela somente realiza o sinal de água nas suas costas (mão aberta com palmas para fora, desliza a mão para baixo, oscilando o movimento dos dedos como se fizesse o movimento de cascata) e em seguida faz o ponto de interrogação (desenho nas costas no formato do ponto de interrogação).

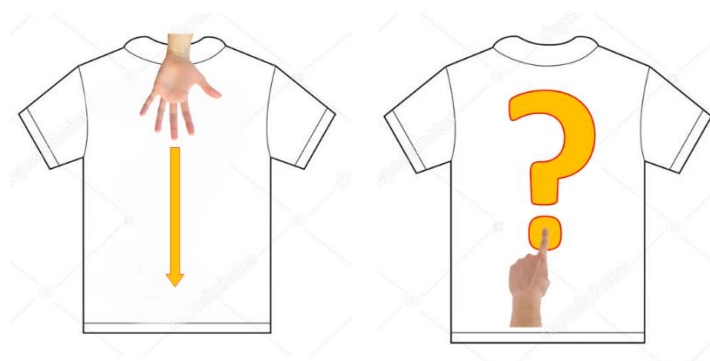


Figura 2. Fonte: arquivo da pesquisadora

O surdocego nessa perspectiva irá balançar a cabeça de forma positiva ou negativa para responder a essa pergunta.

No **complemento de informações** é necessário o trabalho em conjunto de dois guias-intérpretes, onde um fará a comunicação pela Libras tátil e o outro fará o complemento de informações visuais com a comunicação social háptica.

No diálogo em que a Libras tátil passa uma informação positiva, o guia-intérprete posicionado nas costas realiza o sinal de “sim” (mão fechada com movimentos alternados para cima e para baixo) no braço do surdocego complementando a intencionalidade do discurso positivo.



Figura 3. Fonte: arquivo da pesquisadora

Na **ênfase de informações** na comunicação social háptica é utilizada de forma simultânea com o guia-intérprete de Libras tátil. Nessa perspectiva a intenção da comunicação social háptica é enfatizar de maneira intensa a informação. O exemplo da imagem abaixo retrata a simulação da proporção da explosão de uma bomba. A guia-interprete das mãos sinaliza em Libras tátil a explosão e o guia-intérprete posicionado nas costas sinaliza a proporção que a bomba atinge, dando ênfase à informação.



Figura 4. Fonte: arquivo da pesquisadora

Dessa forma o surdocego pode captar a proporção e intensidade da informação passada. Essas são três funções da comunicação social háptica. Podendo ser um complemento da Libras tátil ou qualquer outro tipo de comunicação que o surdocego utilize.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em contato com surdocegos temos vivenciado experiências ímpares que agregam conhecimentos imensuráveis. A formação continuada de profissionais guias-intérpretes para conhecimento das formas de comunicação torna-se essencial. Nesse cenário a utilização do complemento da comunicação social háptica, converte-se em fator imprescindível nesse processo de transmissão de informações e consecutiva inclusão em espaços sociais. Dessa forma o acesso a informações visuais e auditivas são considerados possíveis de posse de duas formas de comunicação concomitantes, sendo a comunicação social háptica o fator de informações visuais.

A comunicação social háptica aponta caminhos promissores para a inclusão efetiva das pessoas com surdocegueira a espaços sociais frequentados por elas, sendo necessário esforços para a formação continuada de profissionais guias-intérpretes. O surdocego precisa tomar posse de informações visuais e auditivas e a comunicação social háptica configura-se como elemento indispensável para alcance desse objetivo.

Referencias

ARAÚJO, Helio Fonseca de. **Práticas de Interpretação Tátil e comunicação Háptica para pessoas com surdocegueira/Hélio Fonseca de Araújo...**[et al.]. – 1 ed. – Petrópolis – Editora Arara Azul, 2019

BRASIL. **Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 2, de 11 de fevereiro de 2001.** Brasília, 2001a. Disponível na Internet em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_b.pdf>. Acesso em: 09 de Maio de 2020.

CARILLO, E. F. P. **Análise das entrevistas de quatro surdocegos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade.** 2008

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

HKWC. Helen Keller World Conferences. **WFDB.** Disponível em: <http://www.wfdb.eu/es/helen-keller-world-conference>. Acesso em: 15 mai. 2020.

LAHTINEN, R. ***Development of the Holistic Social-Haptic Confirmation System. A case study of the yes & no-feedback signals and how they become more commonly and frequently used in a family with an acquired deafblind person.***

Licentiate Thesis. Department of Teacher Education. University of Helsinki, 2003.

PALMER, R. & Lahtinen, R. (1994). ***Communication with Usher People.*** In: Deafblind Education, 1994, July-December.

PALMER, R.; Lahtinen, R. ***Social-Haptic Communication for Acquired Deafblind People and Family: Incorporating Touch and Environmental Information through Holistic Communication.*** Dbl Review, 2005, January–June, p. 6-8.

VILELA, Elaine Gomes. **Surdocegos e os Desafios nos Processos Socioeducativos: os mediadores e a Tecnologia Assistiva.** 2018.